

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

OVÍDIO:
O RITUAL DO BANHO DA ESTÁTUA DA DEUSA VÊNUS,
SEGUNDO O 4º LIVRO DOS FASTOS

Eliana da Cunha Lopes (FGS/RJ)
elianalatim@yahoo.com.br

Herbert- Brown, afirma, com relação ao gênero dos Fastos, que “esse é um novo gênero, a meio caminho entre os extremos opostos da elegia amorosa frívola e da sublime grandeza da épica

(Herbert- Brown, 1994, p. 7)

RESUMO

A finalidade deste trabalho é realizar um breve comentário e, particularmente, a tradução dos versos 133 -164 do 4º livro dos *Fastos*, de Públio Ovídio Nasão, poeta latino da época do primeiro Imperador romano: Augusto. Nestes versos, o metro usado pelo poeta é o dístico elegíaco onde ele descreve o ritual do banho da estátua da deusa Vênus efetuada pelas mães e noras do Lácio. Mostraremos, também, aspectos mitológicos, astrológicos e etiológicos comentados por Ovídio numa linguagem lírico-poética nos versos destacados neste trabalho.

Palavras-chave: Ovídio. Fastos. Poesia lírica clássica.

1. *Introdução*

Neste artigo, abordaremos através do texto original da obra ovidiana, a visão sociocultural-religiosa de uma fase da história romana cantada pelo poeta, ao descrever o ritual do banho da estátua de Vênus, à qual eram oferecidas flores e rosa fresca (v.138) e, por ordem da própria deusa, sua estátua deve ser banhada com o verde mirto (v.139). O trabalho se fixará entre os versos 133-164 do 4º livro dos *Fastos*, retirado da obra OVIDE. *Les Fastes*, traduits par Émile Ripert, Paris, Librairie Garnier Frères, 1934, p. 168-169. No nosso artigo, optamos pela tradução em prosa que será elaborada dentro de critérios que respeitem, o mais perto possível, a linguagem lírico-poética utilizada por Ovídio nos versos selecionados como *corpus* deste artigo.

O quarto livro dos *Fastos* (*Fasti*, subentendido *dies*) diz respeito ao mês de abril (*aprilis*, -is s.m) que, a princípio, era o segundo mês do ano romano. Cultuava-se Vênus, a deusa da vegetação e da fertilidade.

No século II a.C., esta deusa era identificada com a Afrodite grega. A *gens Iulia*, que pretendia descender de Eneias, tomava Vênus como ancestral.

2. Análise do texto

O poeta Ovídio, ao iniciar a descrição do ritual do banho da estátua da deusa Vênus, mostra-nos que as responsáveis por este ato eram as mães e as noras do Lácio, e também as cortesãs desprovidas (*abest*, v. 134) de fitas na cabeça e dos vestidos longos, vestimenta que as destacava das romanas de classe social privilegiada *Et vos, quis vittae longasque vestis abest*. O verso 133 traz, em destaque, o advérbio *rite*, ressaltando que segundo o ritual quem cultuava e banhava a estátua da deusa eram as esposas dos descendentes de Eneias, ou seja, as romanas. Há, nos versos selecionados (vv. 132-164) um acúmulo de verbos no imperativo, *soluite* (v. 135), *demite* (v. 136), *reddite* (v. 137), *discite* (v. 140)... empregados por Vênus para ensinar o ritual da lavagem da sua estátua da deusa que deve ser efetuado numa determinada época do ano, após lhe serem desatados os colares de ouro do pescoço marmóreo e os ricos ornatos. Os versos 135 e 137 têm a mesma estrutura frasal: *Aurea... collo*: onde é relatado culto das romanas a Vênus. Segundo o ritual, a estátua deveria ser ornada com flores e rosas frescas e banhada com o verde mirto, uma erva aromática. As mulheres consagravam à deusa o mirto, a maçã, a rosa, os cabelos, o cisne e a pomba branca. No verso 141, a deusa diz que ensinará às matronas romanas o motivo pelo qual o ritual do banho deve permanecer seguro.

Segundo a própria deusa, ela foi vista despida quando secava seus cabelos, na praia (v. 141), ainda úmidos *rorantes ...capillos* pelos sátiros, aos quais denominou: *turba proterua* (v. 142) – turba atrevida.

Satyri (v. 142) eram semideuses rústicos, metade homens e metade de bodes. Eram habitantes dos bosques sombrios, e assustavam e espantavam os rebanhos. Os pastores, para torná-los propícios, ofereciam-lhes os primeiros frutos das colheitas e os filhos recém-nascidos de suas ovelhas. Era também conhecido por Faunos entre os romanos e sátiros entre os gregos. A palavra sátiros (*do greco Sátyros*) quer dizer “com falo/pênis ereto”. A reação da deusa foi entrelaçar seu corpo nu ao mirto, erva aromática que lhe era ofertada.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Continuando os ensinamentos, a deusa Vênus explica o motivo do ritual da deusa Fortuna Viril, à qual é ofertado incenso. Esta deusa tinha um templo famoso erguido em Âncio, cidade do Lácio, perto da foz do Rio Tibre. O advérbio *nunc* (v. 145) reforça o verbo no imperativo *Disci-te* (v. 145).

Segundo Luiz Victoria: 2000 p. 56, "Fortuna – deusa onipotente, filha de Júpiter, era a dispensadora dos bens e dos males, dos prazeres e dos sofrimentos, da riqueza e da pobreza representada com os olhos vendados e a cornucópia da abundância na mão".

No templo da deusa Vênus, todas as mães e noras dos descendentes de Eneias são recebidas e purificadas com incenso (v. 145: *tura*), onde com o corpo nu (v.148 *nudi corpora*), a deusa vê todos os defeitos (v. 148 *uitim*) dos corpos e os esconde dos olhos dos homens. No verso 151, o poeta retorna ao culto de Vênus, denominando-a pelo epíteto de Verticórdia, aquela que abranda os corações dos homens, a deusa do Amor, que influi nos sentimentos amorosos. O dia do culto de Vênus é sexta-feira. Ovídio nos relata o ritual pelo qual passou Vênus ao ser conduzida ao marido. Uma bebida preparada com papoula misturada ao leite branco, onde foi acrescentado o mel extraído dos favos (v. 152) selou a união do casal, (v. 154): *ex illo tempore nupta fuit*. No verso 155, as romanas são informadas que devem acalmar a deusa com preces fervorosas para que possam manter, sob os auspícios de Vênus, a boa forma, os seus costumes e a fama.

Reverenciando o passado (v. 157 ... *proaaurum tempore...*), lembra o poeta que o pudor (v. 157: *pudicitia*) havia desaparecido de Roma e, para equilibrar a honra romana, dever-se-ia consultar a anciã de Cumas (v. 158) *Cumaeam... anum*), a Sibila. Esta ordena que sejam erguidos templos à deusa Vênus (v. 159), aquela que muda os corações dos homens, e seja denominada, a partir desta época de *Verticordia*.

O poeta pede que a deusa tenha sempre os olhos voltados para os romanos e, nesta oportunidade, a elogia de: *pulcherrima* (v. 161) – belíssima. No verso 163, há o relato do aparecimento da Constelação de Escorpião, numa metáfora alegórica para informar que a constelação desaparece no ocaso, no dia 3 de abril.

3. *Texto latino*

Rite deam Latiae colitis matresque nurusque,
Et uos, quis vittae longaue vestis abest.
Aurea marmoreo redimicula solvite collo:
Demite divitias: tota lavanda dea est.
Aurea siccato redimicula reddite collo:
Nunc alii flores, nunc noua danda rosa est.
Vos quoque sub viridi myrto jubet illa lavari:
Causaque, cur jubeat, discite, certa subest.
Littore siccabat rorantes nuda capillos:

Viderunt satyri, turba proterva, deam.
Sensit, et opposita texit sua corpora myrto.
Tuta fuit factio, vosque referre jubet.

Discite nunc, quare Fortunae tura Virili
Detis eo, calida qui locus humet aqua.
Accipit ille locus posito velamine cunctas;
Et vitium nudi corporis omne videt.
Ut tegat hoc celetque viros, Fortuna Uirilis
Praestat; et hoc pavuo ture rogata facit.
Nec pigeat niveo tritu cum lacte papaver
Sumere, et expressis mella liquata favis:
Cum primum cupido
Venus est deducta marito,
Hoc bibit: ex illo tempore nupta fuit.
Supplicibus verbis illam placate: sub illa
Et forma et mores et bona fama manet.

Roma pudicitia proavorum tempore lapsa est:
Cumaeam, ueteres, consuluistis anum.
Templa jubet Veneri fieri: quibus ordine factis.
Inde Venus verso nomina corde tenet.
Semper ad Aeneadas placido, pulcherrima, vultu
Respice, totque tuas, diua, tuere nurus.
Dum loquor, elatae metuendus acumine caudae
Scorpions in virides praecipitatur aquas.

4. *Tradução*

Segundo os rituais, cultuai a deusa, ó romanas mães e noras do Lácio, romanas mães e noras do Lácio e vós também às quais faltam as fitas da cabeça e os vestidos longos. Desatai os colares de ouro do pescoço marmóreo. Retirai seus ricos ornatos. Toda a estátua da deusa deve ser lavada. Recolocai os colares de ouro tendo-lhe secado o pescoço. Agora outras flores, agora uma rosa fresca deve ser oferecida à deusa Vênus. Ela própria ordena que a banheis com o verde mirto. Aprendei por que motivo a deusa assim ordena; o segredo per-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

manece seguro. Quando os Sátiros, multidão lasciva, viram a deusa despida que secava na praia seus cabelos úmidos, ela os percebeu e entrelaçou seu corpo nu ao mirto. A deusa foi protegida por causa de sua atitude. Ela, então, vos ordena que repitais este gesto. Aprendei agora por que o incenso é oferecido à deusa Fortuna Viril, onde o solo é umedecido pela água quente. Aquele lugar recebe todas as mulheres reunidas sem vestimenta e a deusa vê todos os defeitos dos corpos nus. A Fortuna Viril cobre-os e esconde-os dos olhos dos homens. A deusa atende ao pedido que lhe fizeram com um pouco incenso. Não hesiteis em beber a papoula moída com leite branco e o mel líquido extraído dos favos. Quando, primeiramente, Vênus foi conduzida ao marido apaixonado, e ela bebeu o líquido e, a partir daquele momento, tornou-se casada. Acalmá-la com preces suplicantes graças a ela a beleza, os costumes e a boa fama permaneceram. No tempo dos nossos ancestrais, o pudor desapareceu de Roma. Consultastes, ó anciães, a velha anciã de Cumas. Ela ordena que sejam erguidos templos a Vênus, os quais foram construídos sucessivamente. A partir desta data, Vênus possui o seu sobrenome por modificar os sentimentos do coração. Ó deusa belíssima, dirige sempre os teus olhos serenos para os filhos de Eneias e protege tuas noras tão numerosas. Enquanto eu falo, a Constelação do Escorpião, que deve ser temida por causa do ferrão de sua cauda erguida, precipita-se nas águas verdes.

5. Conclusão

Nos *Fastos*, o poeta Ovídio nos proporciona uma visão privilegiada de fatos, lendas, tradições e rituais existentes em Roma, dos primórdios ao governo de Augusto. Obra escrita na maturidade do poeta que nos mostra, em versos elegíacos, o calendário das festas romanas. Quintiliano considerava-o o último dos elegíacos amoroso da literatura latina. Escreveu sobre amor, sedução, exílio e mitologia. A obra do poeta sulmonense deixa registrado, com traços indelévels, o nome de um gênio literário que viveu em Roma durante o século de Augusto e nos legou preciosos documentos sobre o calendário religioso romano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUET, Jean. *Littérature latine*. 10. éd. Paris: Armand Colin, 1962.
- CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. Trad.: H. Feist. São Paulo: Cia. das Letras/Círculo do Livro, 1990.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas*. Trad.: R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, vol. 1, tomo 2.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

_____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 4. ed. Trad.: Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000a

HERBERT-BROWN, Geraldine. *Ovid and the Fasti a historical study*. Oxford: Clarendon Press, 1994

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. 1993. Dissertação (de Mestrado em Língua e Literatura Latinas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

MAROUZEAU, Jules. *Dictionnaire culturel de mythologie gréco-romaine*. Paris: Éditions Nathan, 1992.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Lês genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.

OVID. *Fasti*. With an english ranslation by James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

OVIDE. *Les Fastes*. Tradution, introduction et notes par E. Ripert. Paris: Garnier, 1934.

_____. *Les Fastes*. Tradution et annoté par Henri le Bonniec. Préface de Augusto Fraschetti. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

RIPERT, Émile. *Ovide poete de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português* 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix, [s/d.].